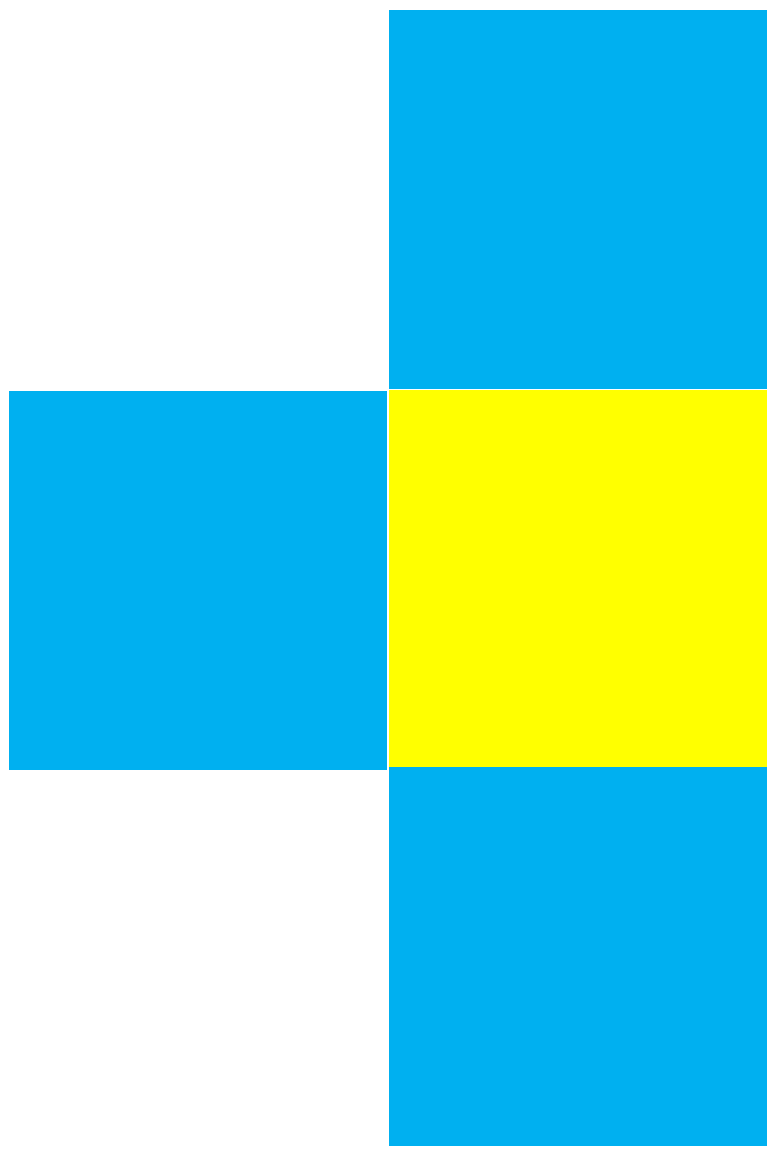
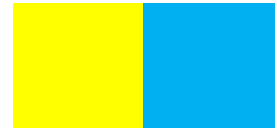


A Perspectiva marxiana contemporânea de Paolo Virno: mundanidade, multidão e crise da esfera pública

Lúcio Pereira Mello

doutor pelo PPGCom/Fac-UnB. Pesquisa processos de mediação, territorialização, sujeição e subjetivação algorítmica.





Resumo: Por meio da leitura crítica de Paolo Virno, apresentamos como o pensador italiano retoma Marx para pontuar a centralidade da comunicação na atualidade. Na primeira parte, a obra de Virno é contextualizada com o operaísmo italiano, movimento de superação do entrave marxista na Europa da década de 1970. Em seguida, analisa-se criticamente os conceitos de Virno e categorias marxianas como força de trabalho, *general intellect* e sua relação com conceitos como biopoder (Foucault), o bios (Agamben e Sodré) e esfera pública (Habermas). Ao fim, aponta-se aberturas para diálogos entre o materialismo dial tico e os estudos de comunica o.

Palavras-chave: Paolo Virno; materialismo dialético; operaísmo; multidão; esfera pública

Paolo Virno's contemporary Marxian perspective: mundanity, multitude and public sphere's crisis

Abstract: Through a critical reading of Paolo Virno, we present how the Italian thinker rescues Marx by punctuating the centrality of communication today. The first part contextualizes Virno's thinking with Italian operaismo, a movement of renewal of European Marxist challenges in the 1970s. We then critically analyze Virno's concepts and Marx's categories such as labor power, the general intellect, and their relationship to concepts such as biopower (Foucault), *bios* (Agamben and Sodr ), and the public sphere (Habermas). In the end, openings for communication's field are pointed out, aiming to rescue the method of dialectical materialism.

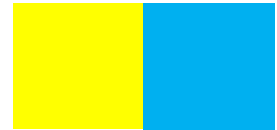
Keywords: Paolo Virno; dialectical materialism; operaismo; multitude; public sphere

Este artigo busca apresentar pontos de debate, possibilidades de correlacionar autores e conceitos atuais no campo da comunicação social e estudos de mídia sobre a perspectiva do materialismo histórico-dialético. Como foi apresentado, Paolo Virno possui pensamento eclético e heterodoxo comparado ao marxismo que se cristalizou e envelheceu até os anos 1960. Mas, contextualizando seu pensamento na busca de derivas, linhas de fuga e passagens, tem-se um ponto de apoio relevante para - usando os termos de Virno - dinamizar e potencializar a partir do contexto e das faculdades que a ideia de mundo assume após as transformações pós-fordistas e a consolidação do neoliberalismo.

Marxismo, operaísmo, pós-fordismo e filosofia da linguagem: o percurso de Virno

Nascido em Nápoles, Paolo Virno cresceu e estudou em Gênova. Nos anos 1980, participou ativamente da revista *Metropolis*, ainda ligada ao coletivo Poder Operário. No final dos anos 1980 e início da década de 1990, fundou a revista *Luogo Comune* [Lugar Comum], que se dedicou a temáticas de inflexão do movimento operário, identificando-se com outros autores no que se convencionou de pós-fordismo/pós-operaísmo. Foi como editor da *Luogo Comune* que Virno publicou parte inicial de suas ideias sobre *multidão*, em oposição à noção de povo, e sua reflexão sobre o trabalho imaterial, com destaque para o papel da comunicação na organização da produção no pós-fordismo. Desde então, sua produção se dedica a temas do pensamento marxiano italiano de matriz pós-operaísta. Essa designação se refere aos pesquisadores que, participaram do operaísmo mas que, final da década de 1980 e 1990, apresentaram uma nova análise baseada em categorias existentes de Marx porém mobilizadas para compreender, no final dos anos 1980, a ascensão e consolidação do neoliberalismo e das transformações no trabalho na contemporaneidade.

Foi na década de 1990 que Paolo Virno estabeleceu carreira acadêmica, inicialmente na cidade de Urbino, região do Marche, e posteriormente em Roma, com período de pesquisas em Montreal, Canadá. Se especializou em filosofia da linguagem, semiótica e



ética da comunicação. Profícuo em entrevistas e orador de rara habilidade, capaz de articular autores que a princípio não dialogam. No entanto, sua produção impressa mais significativa começa a ser publicada e a circular de forma sistêmica a partir dos anos 2000. No Brasil foram traduzidos até o momento *Gramática da Multidão* (2003) e *Virtuosismo e Revolução* (2020). As duas edições brasileiras oferecem uma razoável sobreposição de argumentos ao publicado em *A Ideia de Mundo*, uma compilação e revisão publicada em 2015, ainda sem tradução em português. A edição é composta de três artigos: “Mundandade” (“*Mondanità*”) e “Virtuosismo e Revolução”, além de um terceiro inédito, “O Uso da Vida”, os três apresentados como elaborações contíguas. Apenas alguns ensaios foram traduzidos para o português e há uma boa parcela traduzida para espanhol, francês e inglês.

Para compreender como o pensamento de Paolo Virno se apoia no materialismo histórico-dialético e a contribuição que ele traz ao campo da comunicação, é preciso compreender a conjuntura histórica da Itália no final da Segunda Guerra e situar o que se convencionou chamar de operaísmo, corrente de atuação política para a qual Virno contribuiu ativamente. Nesse período, a península itálica estava dividida. De um lado, uma população conservadora desiludida com o fascismo, mas apegada ao catolicismo. De outro, uma parcela considerável de apoiadores e simpáticos à ação contundente dos comunistas na resistência antifascista da Segunda Guerra. Esse grupo assumiu protagonismo, sobretudo por intermédio do Partido Comunista Italiano (PCI), organizando a população operária, estudantes e trabalhadores industriais em centros sociais, associações, sindicatos e coletivos, grupos de estudos, imprensa e editoras.

Com o fim do fascismo, a Itália promulgou uma nova constituição social-democrata. A constituição de 1948 estabeleceu a social-democracia como acordo tácito entre os três grupos que disputavam hegemonia: democratas cristãos, socialistas e comunistas. O PCI, fundado por Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga, participou ativamente da formação do estado de bem-estar social do pós-guerra italiano desde a Assembleia Constituinte¹,

¹ Na assembleia constituinte, com 556 cadeiras, Socialistas e Comunistas obtiveram 115 e 104 representantes, respectivamente. Menos que os 207 dos Democratas Cristãos, mas suficiente para impedir

sendo até 1980 a segunda força e partido de referência para toda a esquerda da Europa. Referência sobretudo por seu afastamento do comunismo oficial da União Soviética e pela busca do “caminho italiano para o socialismo”, idealizado pelo então coordenador Palmiro Togliatti entre 1947 e 1964². Neste paradigma, o PCI abdicou de reivindicações revolucionárias e optou pela via eleitoral e institucional.

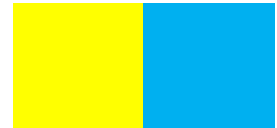
Apesar da tentativa de conciliação, se percebeu na Itália após 1965, assim como em outros países do ocidente, uma série de dissidências ao comunismo atrelado à União Soviética, o que produziu uma efervescência de reflexões e elaborações marxistas e marxianas em contraponto às contradições stalinistas da URSS e ao institucionalismo e engessamento doutrinário do PCI. A Itália se tornou um local de buscas por novos caminhos para o marxismo dogmático e oficial dos partidos comunistas alinhados a Moscou. Irrompeu nessa época nas cidades industriais, sobretudo do centro-norte italiano (Turim, Milão, Roma, Bolonha, Veneza, Pádua), uma série de iniciativas de movimentos da chamada *esquerda extraparlamentar*, que se valia de atuações em sindicatos, coletivos e, importante frisar, da imprensa partidária (*Unità*, *Il Manifesto*, *Quaderni Rossi*, *Classe Operaia*, *Quaderni Piacentini*, *Potere Operaio*, entre outros) como formas eficazes de incidir na vida política e debater a fundo as contradições do marxismo da época.

Virno participou no final da década de 1970 do coletivo *Potere Operaio* (Poder Operário), sob a liderança de militantes então já famosos por seus escritos considerados naquela época heterodoxos. Um deles era Mario Tronti, conhecido por sua busca de conciliar teoria e prática por meio da autonomia operária, da conceituação seminal do operário-massa do fordismo e da compreensão da passagem da produção taylorista para a produção fordista na dinâmica social – formulações publicadas no então impactante livro

uma maioria de direita. o PCI chegou a obter em 1973 33% das cadeiras da câmara e 34% do senado, sendo sempre um partido com uma forte presença na imprensa italiana por meio do jornal L’Unità, que chegou a vender 231 mil cópias diária. Fonte dados eleitorais: MINISTERO DELL’INTERNO. L’Archivio Storico delle Elezioni. Consultado em 23/04/2020 in <https://elezionistorico.interno.gov.it/index.php?tpel=C>
 Dados de tiragem L’Unità: do próprio jornal, até 1976, e depois e depois <https://www.adsnotizie.it/>

²

Para mais detalhes, ver <https://fondazionefeltrinelli.it/la-via-italiana-al-socialismo-lviii-congresso-nella-storia-del-pci/> visitado em 22/04/2024



Operai e Capitale [Operários e Capital] (2013). Outro era Antonio (Toni) Negri, que assumiu proeminência tardia por meio de sua obra mais conhecida com Michael Hardt, *Império* (2010). Nesse período, chamado de anos de chumbo, Negri, como outros operaístas, ainda buscavam conciliar militância e formulação, como esforços para reformulação do marxismo, sendo inclusive eleito para o parlamento. Negri participou de várias iniciativas que exemplificam a pluralidade e a efervescência de formulações da época, entre elas o Círculo Fanon, em Pádua, quando grupos de diferentes matizes e interpretações marxianas se reuniram:

[U]nidos pela fé comum no marxismo como instrumento fecundo de conhecimento e de transformação da sociedade contemporânea e pela convicção de que somente a análise informada e sem preconceitos de fenômenos e problemas concretos pode contribuir para realizar a unidade dos marxistas em uma ação política vigorosa. (apud NEGRELLO, 2004, p. 151-152)

É neste caldeirão de propostas e perspectivas que, em 1977, Virno defende sua monografia sobre trabalho e teoria da consciência em Adorno, ao mesmo tempo em que participava das discussões e ações diretas do operaísmo e dos chamados autonomistas. Virno foi preso em 1979, acusado em processo judicial até hoje controverso, sendo anistiado no final dos anos 1980 devido à invalidação da acusação.

A formulação teórica reunida em *A Ideia de Mundo: linguagem e trabalho, mundanidade, esfera pública e bios xenicos*

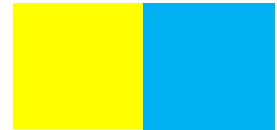
Como estudioso da semiologia, Virno parte em *A Ideia do Mundo* de um diálogo entre Kant e Wittgenstein para mostrar que a linguagem é uma faculdade, mas também contexto, e que é capaz de construir e organizar mundos, sendo produtora de maravilhamento, em um primeiro momento, e depois de ordenação (cosmos). A abordagem busca dimensionar o papel da linguagem não apenas como produtora de ideias, abstrações, ordenações e normas, mas como efetivamente produtora de processos em que são criadas as condições materiais e históricas.

A partir da ideia wittgensteiniana de *contexto e uso* e do confronto desta com a noção kantiana de *faculdade*, Virno sustenta que tal cruzamento proporciona um quiasma, uma cruz, um cruzamento. Esse entrecruzar produz uma percepção do mundo ordenado como, inicialmente, um acúmulo de fragmentos e *insights* de maravilhamento, de estupor, o que na fraseologia de Kant é chamado de *sublime matemático*. A partir desses momentos, a linguagem começa a operar a construção de uma ideia de mundo. Um procedimento que assume gradativamente um aspecto cosmológico, de ordenação das experiências e das sensações. Virno ressalta que será a partir deste movimento, entre o fascínio do mundo e sua organização, que surgirá a noção de língua como materialidade e historicidade.

A existência do mundo enquanto contexto - inalcançável pelo infinito regresso cosmológico, cujo escopo é realizar o contexto como uma totalidade inteiramente dada - vem endereçada ao fenômeno da “natureza crua” ou sensível somente de forma circunstante e sempre potencial. A existência da linguagem enquanto faculdade - nunca tocada pelo infinito regresso metalinguístico, processo esse voltado a realizar a faculdade como totalidade completamente em ação - vem endereçada nas locuções bem formadas que, recalando a estrutura lógica da afasia, colocam em destaque o poder-dizer no fundo de suas limitações e gargalos e eclipses. A mais importante das locuções regulares de matriz “afásica” é a modalidade do possível. Essa percebe, de fato, as relações que a linguagem entretém com o mundo material: uma relação deficitária e determinante a um tempo (aliás, determinante justamente porque deficitária), da qual se exclui cada coextensividade e cada “correspondência”. A interseção entre contexto e faculdade constitui o verdadeiro centro de gravidade do estado de ânimo que Kant chama de *sublime matemático* e Wittgenstein, de *maravilha milagrosa*. Esta interseção tem a forma de um quiasma: *contexto e faculdade* se entrecruzam como a abscissa e a ordenada; ou melhor, cada um dos dois termos é o “mais além”, a medida, a condição incondicionada do outro. (VIRNO, 2015, p. 70)

A contribuição de Virno reside justamente em apontar que conceitos marxianos podem sim ser usados e compreendidos materialisticamente, mesmo quando lidamos com temas aparentemente abstratos como linguagem e a ideia de mundo. Porém, ele vai além ao afirmar que esta formatação da ideia de mundo, ou *mundanidade*, é um aspecto central da materialidade e historicidade do ser humano.

Para Virno, esta forma de “se estar no mundo” é repleta de percalços, angústias, medos e busca por segurança, conforto e padrões. Além da compreensão do mundo como um



harmônico, como o *sublime matemático* kantiano, outro aspecto constituinte da existência humana seria a compreensão do mundo pelo *sublime dinâmico*, uma busca constante de padrões e de segurança:

Para compreender plenamente o estado de ânimo que emerge da interrupção da regressão ao infinito que caracteriza a experiência do *mundo-contexto*, é necessário discutir criticamente a outra forma de sublime analisada por Kant: o *sublime dinâmico*, ou seja, o sentimento de absoluta segurança. Para Kant a ‘condição incondicionada’ da natureza, que o *sublime matemático* exhibe negativamente, é também, sobre um perfilamento ético, aquilo que garante proteção e significado à nossa existência. O impulso à totalidade se reúne em um só corpo com a busca de um amparo inexpugnável. É preciso se perguntar, então, em quais condições o sentimento do *contexto* (contraparte materialista do *sublime matemático*) pode gerar conforto e segurança. (VIRNO, 2015, p.75)

Então, no pensamento de Virno, o mundo é entendido seja por sua percepção de harmonia, seja por uma jornada dinâmica em busca de segurança (que atingiria seu ápice na sensação de “estar nas mãos de Deus”). Virno afirma que tal busca por segurança e estabilidade se dá por meio da ação ética de se estar no mundo. Ética entendida na acepção aristotélica de *bios*, como conjuntos de prática e formas de agir dos seres humanos que vivem a *mundanidade* com o desafio de transformar a compreensão que têm do mundo. Segundo o autor italiano, esse movimento de partir de uma ideia inicial do mundo como um lugar dinâmico e perigoso para uma compreensão da *mundanidade* como dinâmica, embora marcado por regularidades, se dá pela criação de um “ao redor” que se insere a partir de uma dinâmica menos assustadora e imprevisível que a da natureza, mais estável. Virno chamará de esfera pública esse espaço mental, emocional e social:

Qual é o seu desdobramento 'dinâmico', ou melhor, ético? O abandono ao esquema kantiano se torna evidente. A totalidade oferece um sólido anteparo porque ultrapassa e dispensa o mundo sensível, fonte de todos os perigos. Ao contrário, o contexto material protege em virtude da mesma prerrogativa que o torna ameaçador: a sua irrealizável potencialidade. O mesmo núcleo de esperança pode resultar perturbador e confortável, assustador ou redentor. A conversão da *dynamis* de perigo incumbente a abrigo reconfortante advém, como veremos, assim que a percepção do contexto sensível, ou seja, da natureza bruta, se duplica na instituição de um ao redor diferente: a esfera pública. (ibidem p 75-76)

Se o *mundo-contexto* é uma formatação entrecruzada que: 1) permite um sentido de segurança fora da “natureza crua”, e 2) assegura um certo ordenamento de um *jogo*, esses efeitos ocorrem porque as relações humanas se espacializam e se materializam à medida que são mediadas pela linguagem, que aqui está entendida também como manifestação das práticas, agires e intencionalidades e performatividades.

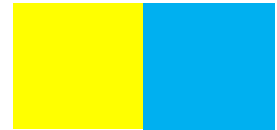
Virno olha para a sociedade a partir da forma de se viver a vida, o que no ensaio homônimo do livro ele identifica como *bios*. São estas coletividades de indivíduos convivendo a partir de suas formas de compreender o mundo que formarão então, segundo Virno, as *esferas públicas* de diferentes contextos espaciais, temporais e sociais, muitas vezes sobrepostas, mas com traços de predominância identificáveis. Como exemplo dessa forma de agir no mundo na esfera pública contemporânea, Virno assinala a metrópole como o *locus* por excelência da produção da *mundanidade* capitalista, como ideia de mundo vigente.

Para evidenciar sua argumentação sobre a metrópole como mundanidade do presente, o filósofo italiano mobiliza a ideia de jogo de Walter Benjamin (apud VIRNO, 2015), atentando para o duplo sentido da palavra em alemão, *spielen*, que pode ser traduzida como *jogo* ou *récita*³ entre outros sentidos. Nesta última, a semântica vem da ideia do *play it again*, do *re-citare*, do *re-dizer* e portanto da “re-atuação”, da “re-performance”, do “re-agir” e do “ressignificar”.

Virno (re-?)cita Walter Benjamin em artigo em que compara brincadeiras infantis e sua repetição (re-dizer) com a noção de rotina, de ritmos e de ciclos inconstantes característicos da sociedade capitalista:

Ao resenhar um livro sobre brinquedos, Benjamin (1928, pp. 78-sg.) escreve sobre algo que, sob certos aspectos, podem se referir também aos habitantes das metrópoles contemporâneas: “[s]abemos que a lei da repetição constitui a alma do jogo infantil; que nada alegria mais a criança que o ‘mais uma vez’ [...] ‘Tudo poderia ser perfeitamente acomodado, se as coisas pudessem ser feitas

³ N.T.: Polissemia identificada por Virno equivalente a palavra em inglês *play* que, entre outros significados, pode significar tanto “jogo” como “interpretação”. Optou-se por *récita*, apesar de palavra de pouco uso corrente no português para manter equivalência com o italiano *recita*, do verbo *recitare* que significa proclamar. Virno joga com a ideia de re-dizer, dizer novamente, *re-citare*.



duas vezes' - a criança age segundo esta frase de Goethe. Só que para ela não se trata de duas, mas de cem, mil, ao infinito.

Com este procedimento a criança não só consegue superar o terror de certas experiências originárias, mediante a aproximação, o atrevimento, a paródia, mas também ao desfrutar no modo mais intenso seus triunfos e vitórias. O adulto libera o seu coração do terror, e desfruta duplamente, quando discursa. A criança cria tudo *ex novo*, recomeça novamente do início. Esta é talvez a raiz mais profunda do duplo significado do alemão *spielen* ['jogar', 'recitar']⁴: a repetição da mesma coisa é talvez o elemento comum aos dois sentidos da palavra. Não é só um 'fazer como se' mas um 'fazer sempre de novo'; a transformação da experiência mais desconcertante em um hábito, eis o que constitui a essência do jogo". (*apud* Virno, 2015, p. 89-90)

Virno então pergunta: como a sociedade do capitalismo maduro resgata um traço característico da infância? Por que este comportamento de salamandra, de Peter Pan, de um adulto infantil? O que há de comum entre esses dois traços da criança e do habitante da metrópole capitalista?

[...] a ausência de hábitos sólidos que absorvam os golpes do acaso traça um caminho no indeterminado. Domesticam a contingência. Tanto a criança como o habitante da metrópole estão sem tradições nem bússolas. Sem o apoio de um "costume", ambos confiam na repetição para se proteger dos choques do imprevisto e se orientar pelo jeito menos pior. (VIRNO, 2015, pp. 90-91)

Aqui temos um importante *insight* para estabelecer o papel da linguagem e da comunicação como fundantes do que seria a "segunda natureza" capitalística ou, em outras palavras, o arcabouço e a matriz discursiva e prática que serão incutidas nos indivíduos e no seu ambiente, criando as condições, as regras do jogo no qual cada pessoa precisa jogar / recitar / performar no capitalismo contemporâneo.

Outra importante conceituação marxista, cara aos pós-operaístas e ao campo da comunicação, é acionada por Virno por sua compreensão da centralidade da comunicação na ideia de mundo. Trata-se do famoso trecho sobre as máquinas em *Grundrisse* (2016) em que Marx aborda a ideia de *general intellect* – trecho mais que citado e que serve de base para uma série de análises sobre comunicação e tecnologia como fatores centrais do modo de produção capitalismo. A tese de Virno, no entanto, dialoga com o que autores do campo da Economia Política da Tecnologias da Informação e

⁴ Comentário do autor no original.

Comunicação, como Marcos Dantas (2020) aborda a relação entre o *general intellect* e a questão do trabalho em *Grundrisse*:

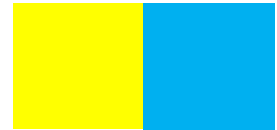
[O] trabalho de produzir “gostos”, “desejos”, “afetos”, conforme expresso nas marcas e comportamentos de consumo, é ainda um trabalho de corpo e de produção de signos materiais. Se o resultado desse trabalho não pode ser apropriado pela troca mercantil, é apropriado, como renda, pelos direitos de propriedade intelectual.

O capitalismo sempre foi “cognitivo”, isto é, sempre empregou o trabalhador para se apropriar do conhecimento contido e manifestado pelo trabalho. A questão é que hoje em dia o capital reorganizou o processo produtivo para se apropriar do mais-valor produzido no trabalho determinadamente criativo (científico, artístico etc.), e todo o trabalho a que chamamos redundante (repetitivo) tende a ser reduzido às operações dos sistemas automáticos de maquinaria que, nas últimas décadas, vieram, cada vez mais, incorporando também algoritmos de processamento e comunicação de dados extraídos do trabalho, pago ou não pago, de toda a sociedade.

A propriedade intelectual das diferentes formas de conhecimento (científico-tecnológicas, artísticas, desportivas, lúdicas etc.) tornou-se o objeto central do processo de acumulação e apropriação. Produto do trabalho social geral (ou *general intellect*), realiza-se como renda em um novo regime de acumulação comandado pelo capital financeiro. (DANTAS et Alli, 2020 p. 55 e 56)

Virno vai um pouco além: propõe que a distinção entre trabalho material e imaterial não seria mais o aspecto central a ser discutido, e sim as diferentes formas e mecanismos que, independentemente dos meios, asseguram a finalidade maior capitalista: a extração de mais-valia para a continuação *ad eternum* da geração de valor, mola-mestra do modo de produção capitalista. Para Virno, o trabalho como principal mercadoria da sociedade capitalista, passa a ser entendido de forma mais ampla no pós-fordismo. Já não se trata apenas da mercadoria manufaturada, do operário industrial, mas todas as formas de produção que tragam a “potência de força-trabalho”. Para explicar sua ideia, o autor italiano recorre à diferença entre “a capacidade de poder digerir” e a “digestão”. Virno quer demarcar que a capacidade de realizar um trabalho é diferente da noção de trabalho como transformação, esforço e gasto de energia. Para ele, a principal mercadoria do capitalismo não é o produto em si, e sim a capacidade de mobilizar os sujeitos em uma eterna disponibilidade de se pôr em produção.

Tal discussão é profícua e se insere na noção pós-operaísta de trabalho. Por meio desse deslocamento, Virno oferece uma chave de análise para observar a extração da mais valia



para além da fábrica, da mercadoria física. Pois, no pós-fordismo, a lógica da fábrica transbordou para além dos muros das indústrias e desde então se espraia, se entroniza e se reproduz nas relações da cidade. Esse fenômeno assume a forma mais perceptível de espacialização sob a forma da metrópole. Os sujeitos que circulam nesse espaço de relações de potencial venda de suas forças de trabalho estariam, na metrópole contemporânea, na eterna iminência de se pôr a trabalho.

O que se pontua no pós-fordismo, tanto de Virno como Negri, é que a ideia de operário *stricto sensu* do século XIX já não se aplica. Esses trabalhadores são, no atual contexto, apenas um segmento de algo maior: são agora parte da multidão⁵. Partes de uma anônima reunião de seres já sem a certeza de sua individualidade, conformada primeiramente pelos operários-massa e depois pelo que Negri identifica como operário-social e, posteriormente chamará de multidão. São pessoas que circulam em busca de potenciais trabalhos, quase sempre precários e inconstantes, oferecidos inicialmente pelas fábricas na época dos operários-massa; para depois os buscarem nas cidades-fábrica, do operário-social e; hoje as multidões vagam pelo que ousamos chamar de cidade-plataforma.

É nesse contexto de diferentes *loci* e contextos, que as relações de trabalho seguem determinadas pela mais-valia, e pelo mediador dinheiro, se tornam difusas e cada vez mais reificadas não apenas nas oito horas de trabalho, mas nas tênues fronteiras entre trabalho, lazer e a vida cotidiana⁶. Uma lógica, que, segundo Virno, incide no trabalhador tanto do campo, da indústria e do serviço; como da academia, da burocracia estatal ou corporativa; e mais recentemente das plataformas e outros *jobs* mediados pela infraestrutura e mediação do digital das plataformas.

Para Virno o trabalho, embora inquantificável em certos casos (padre, estudante, gerente, mãe, dona de casa, artista etc.) é o que constitui e nivela por baixo a unidade dos muitos, e suas muitas possibilidades de ser, a unidade da multidão. Tal processo se dá porque resta

⁵ Em italiano *moltitudine* demarca o sentido de muitas pessoas (molte), mas de multiplicidades de possibilidades.

⁶ Para este tema, nos referimos a autores como Henri Lefebvre (2014) e sua noção de vida cotidiana; a Guy Debord (2017) e sua noção de espetáculo como organizadora da vida na cidade; bem como a Giuseppe Cocco e Yann Mulier Boutang (2013) e a noção de território do trabalho cognitivo.

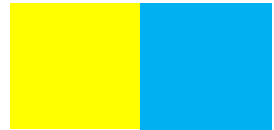
aos que afundam no mar da multidão apenas se identificarem, de forma precária e sempre instável, pelas suas potenciais formas de trabalho, como um imenso exército de reserva⁷. O que os une é o fato de poderem ser reunidos em um *a priori*, ou seja, em uma condição que se estabelece antes mesmo do exercício já pré-formatado e pré-determinado da atividade laboral. Este molde - que põe qualquer atividade humana na forma de trabalho nos parâmetros capitalistas, e que é definido em instâncias para além das pessoas que exercem suas atividades - configura a base da reprodução do capital, diz o pensador italiano.

É a partir desta formatação da “mercadoria-trabalho como potência” que Virno extrai sua ideia de *mundanidade*, ou seja, da forma de se estar no mundo, de se agir efetivamente em sociedade, de efetivar o seu *bios*. Segundo o autor, a mundanidade se efetiva sempre por meio de uma compreensão da linguagem, intrinsecamente ligada à atividade laboral, como atividade social formativa e constitutiva. Esta premência do trabalho e da linguagem como binômio são justamente os constituintes do que Virno denomina *esfera pública*. Esta forma de *mundanidade* é dinâmica e se constitui pela busca de segurança do estar no mundo.

Entender a esfera pública sobre a perspectiva de Virno é estratégico para quem busca incidir no campo da comunicação sob uma perspectiva materialista histórica. Essa relevância se traduz, mesmo que Virno não cite Habermas diretamente, numa formulação que evidentemente dialoga com a noção de espaço comunicativo. Mais que isso, pensar a esfera pública como uma malha de relações composta por linguagem, trabalho e práxis, o que oferece, para fins de pesquisa, uma ampliação do conceito habermasiano.

Na perspectiva do campo da comunicação, Virno oferece um arcabouço teórico capaz de apontar para possíveis linhas de pesquisa sobre comunicação, trabalho, cidadania e a

⁷ Sobre esta dimensão da precariedade do trabalho, temos em mente autores como David Graeber (2013) e sua pesquisa sobre os “*bullshit jobs*”; Ricardo Antunes (2020) e o estudo do fenômeno da uberização e indústria 4.0; a pesquisa sobre trabalho precário, por meio das plataformas de Rafael Grohmann (2020); e a fábula de *San Precario*, ação direta de sindicalistas de Milão com uso da estética católica para denunciar a fragilidade do trabalho na atualidade. Sobre este último, ver: <https://temporaryculture.wordpress.com/san-precario2/>, último acesso em 22/04/2023.



captura da esfera pública na contemporaneidade. Ele o faz ao voltar para Aristóteles e sua diferenciação entre as três consagradas formas de sociabilidade, que distingue entre *bios theoretikos*, (conhecimento); *bios apolaustikos*, (prazeres); e *bios politikos*, (política). Virno sugere que, na contemporaneidade, uma nova forma de se viver se dá sob o parâmetro da multidão: o *bios xenikos*. Esta é a forma de se estar no mundo daqueles que se sentem “sem-casa”, do estrangeiro, de quem “não-se-sente-em-sua-casa”, em um eterno *lugar comum*. Nesse *bios*, a exemplo da obra de Albert Camus *O Estrangeiro*, o desconforto se impõe. Isso porque a esse estrangeiro só é assegurada a multidão, nunca o sentimento de pertencimento a uma comunidade, a uma religião (*re-ligio/ religare*), a uma origem familiar ou consanguínea, a uma comunidade ou aldeia (língua, etnia), a uma pólis; a uma cidade (uma cidadania) ou a uma comunidade territorial ou linguística (uma pátria), um povo, uma nação, uma população.

Considerações finais, passagens, derivas e pontos de fuga

O intento de Virno é, portanto, fundamental para quem reivindica uma abordagem histórica materialista. Certamente há outras obras do autor em tela que merecem tradução para ampliar o debate. Além disso, é preciso se debruçar mais a fundo em seus ensaios para compreender como eles proporcionam uma visão histórico materialista, sempre com o cuidado de não cair em uma leitura instrumentalista e simplista.

Virno não se exime de disputar conceitos e perspectivas. Em *Gramática da Multidão* (2003), ele analisa a noção de biopoder em Foucault. Apresentando a questão, como forma de iniciar o debate – sem pretender encerrá-la neste ensaio –, é digno de nota que Virno tenta correlacionar as ideias de governamentalidade, segurança e poder pela vida, com a noção já mencionada de potência de força trabalho. Segundo o filósofo italiano, esse conceito contribui para enriquecer a noção de biopoder:

[P]or que a vida como tal é tomada como encargo e governada? A resposta é unívoca: porque serve de substrato de uma mera faculdade, a força de trabalho, a qual adquiriu a consistência de uma mercadoria. Não é questão, aqui, da

produtividade do trabalho em ato, mas a trocabilidade⁸ da potência de trabalhar. Só pelo fato de ser comprada e vendida, esta potência inclui também o receptáculo do qual ela é inseparável, isto é, o corpo vivente; além do mais, o coloca à vista como objeto de inumeráveis e diferenciadas estratégias governativas.

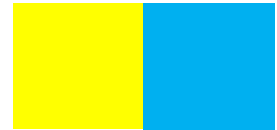
Não é conveniente acreditar, portanto, que a biopolítica compreende em si, como articulação particular, a gestão da força de trabalho. O assunto é o inverso: a biopolítica é só um efeito, um reflexo, ou precisamente uma articulação daquele fato primário — histórico e filosófico ao mesmo tempo — que consiste na compra e venda da potência enquanto potência. (VIRNO, 2003, p. 51)

Vê-se que ele dialoga com Foucault, abrindo importante agenda de pesquisa para aprofundar a relação entre as noções foucaultianas de *governamentalidade*, *biopoder* e *dispositivos de subjetivação e sujeição* e os possíveis rebatimentos, sobreposições, diferenças e conflitos com as noções de *mundanidade*, *potência de força trabalho* e *usos e usos da vida*. Tal agenda aponta ainda para o Foucault de *História da Sexualidade 3: O cuidado de si* (2005) e sua dietética do *cuidar de si*, que o autor italiano distingue como a questão das práticas e dos modos e usos na contemporaneidade, discutidos no ensaio “Os usos da vida” em *A Ideia de Mundo*.

Outros dois debates centrais aos quais oferece análises a partir da premissa materialista histórica e dialética são sobre as noções, correlacionadas, de *bios* e *esfera pública*. A primeira dialoga com Agamben (2002) e a sua noção de *zoé* e *bios*, oferecendo uma leitura a partir de Aristóteles (), mas centrada na categoria do trabalho como elemento formador da noção de *bios* – aspecto que se relaciona também com as formulações do pensador brasileiro Muniz Sodré (2017) e sua contribuição sobre o *bios midiático*. O que deixaremos em aberto é que existe espaço para aprofundar as possíveis correlações entre *bios midiático* e *bios xenicos*, avaliando potenciais afinidades, tensões, conflitos e convergências.

Como exemplos de diálogos e debates profícuos e aberturas para futuras agendas de pesquisa podemos citar: 1) a possibilidade de uma análise crítica dos usos das mídias e sua dimensão técnica com autores como Kittler (2017); ou então 2) a questão sobre a

⁸ N.t.: mantivemos o neologismo do original com o intuito de manter o estilo do autor.



primazia dos usos e das práticas na constituição dos indivíduos e a formação do indivíduo a partir do seu *milieu* de práticas, levantadas por Simondon (2020). São obviamente novas searas que não cabem aqui, mas na encruzilhada do pensamento de Virno, estas estradas e estes caminhos se entrecruzam. Isso porque o pensador italiano faz de sua obra um *quiasma*, um entrecruzar de pensamentos e formulações. Produz pontes e costura presentes, com encruzilhadas conceituais em que o caminho do marxismo converge com outras estradas, aponta para linhas de fugas, horizontes, cartografias e possibilidades de percursos e derivas. Com Virno, se abrem possibilidades para o campo da comunicação não apenas compreender o mundo, mas para mudá-lo a partir do presente, tendo o método materialista histórico-dialético como seu agir ético, seu “*usar de si*”, como forma de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERCAMENTO DIFFUSIONE STAMPA. **Dati Storici**. Milão. Disponível em: <https://www.adsnotizie.it/> Último acesso em: 20/04/2023.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua 1**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ARISTOTELES. *Ética à Nicômacos*. Brasília: Editora UnB, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. Boitempo. São Paulo, 2020.

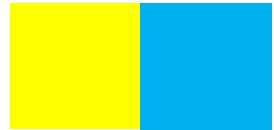
BOUTANG, Yann Moulier & COCCO, Giuseppe. La première révolte de la multitude du travail métropolitain. **Multitudes**, nº 54 (3):19. Paris, 2013.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DANTAS, M. et ALLI. Sobre o Conceito de Trabalho: uma leitura nos Grundrisse de Marx. **Revista Princípios** nº 159 JUL.–OUT./2020 Trabalho e proletariado no século XXI

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, 2ª ed. : Contraponto, 2017.

- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- GRAEBER, David. On the Phenomenon of Bullshit Jobs: A Work Rant **Strike Magazine**. 2013. Disponível em: <https://strikemag.org/bullshit-jobs/> , consultado em 18/04/2023
- GROHMANN, Rafael (org.). **Os Laboratórios do Trabalho Digital**. Entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021.
- HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade, volume II (PDF)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Trad. Birilo Vargas, 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- KITTLER, Friedrich. **A verdade do mundo técnico. Ensaio sobre a genealogia da atualidade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life. One volume edition**. Verso 2014 – ebook.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2016. 3ª reimpressão.
- MINISTERO DELL'INTERNO. **L'Archivio Storico delle Elezioni**. Consultado em 23/04/2020 in <https://elezionistorico.interno.gov.it/index.php?tpel=C>
- NACCARATO, Alessandro. **Conquistare la libertà, organizzare la democrazia: Storia del Pci di Padova (1921-1991)**. Poligrafo. Pádua, 2020. E-book: https://www.poligrafo.it/sites/default/files/Naccarato_PCI%20Padova_sfogliolibro.pdf Último acesso em: 23/04/2023.
- NEGRELLO, Dolores. **Il PCI padovano nell'ultimo '900. Dissensi e antagonismi politici**. Franco Angeli. Milão. 2004.
- SIMONDON, Gilbert. **A Individuação à luz das noções de forma e de informação**. Editora 34. São Paulo. 2020.
- SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum. Notas para o método comunicacional**. Vozes, Petrópolis, 2017.
- VIRNO, Paolo. **L'Idia di Mondo. Intelletto Pubblico e uso della vita**. Quodlibet. Macerata, 2015.



_____. **Gramática da Multidão**. Santa Maria, RS, Brasil. 2003. Disponível em: https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2014/04/Virno_Gramatica.pdf - Tradução: Leonardo Retamoso Palma.

TRONTI, Mario. **Operai e Capitale**, Derive Approdi. Roma, 2006.